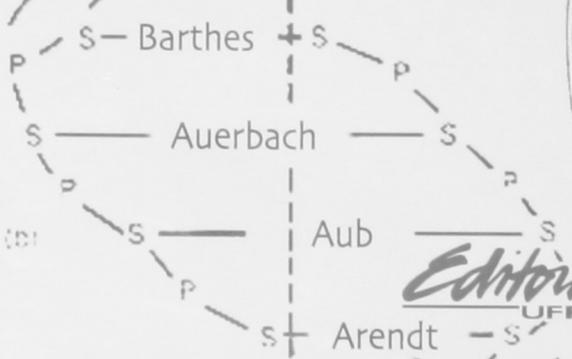




Saber Sobre Viver

A (o)missão da filologia

Ottmar Ette



Editora
UFPR





Reitor

Zaki Akel Sobrinho

Vice-Reitor

Rogério Andrade Mulinari

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Deise Cristina de Lima Picanço

Diretora da Editora UFPR

Suzete de Paula Bornatto

Vice-Diretor da Editora UFPR

Allan Valenza da Silveira

Conselho Editorial

Andre de Macedo Duarte

Anna Beatriz da Silveira Paula

Cristina Gonçalves de Mendonça

Edison Luiz Almeida Tizzot

Elsi do Rocio Cardoso Alano

Everton Passos

Ida Chapaval Pimentel

Lauro Brito de Almeida

Marcia Santos de Menezes

Maria Auxiliadora M. dos Santos Schmidt

Maria Cristina Borba Braga

Naotake Fukushima

Sergio Luiz Meister Berleze

Sergio Said Staut Junior

Ottmar Ette

Saber Sobre Viver

A (o)missão da filologia

Editora
UFPR

SaberSobreViver

Coordenação Editorial

Daniele Soares Carneiro

Editoração Eletrônica

Soggetto Design Editorial

Concepção da Capa

Tobias Kraft

Tradução e Revisão

Rosani Umbach

Paulo Astor Soethe

Demais Tradutores

Fernanda Boarin Boechat

Natasha Pereira Silva

Norma Caroline Müller Demamann

Sibele Paulino

Sirlene Nair Neubauer

Tássia Kleine

Teruco Arimoto Spengler

Tiago Leichsenring

Ilustrações

Última capa: Anônimo, México, século XIX.

Interior do livro: *Encyclopédie, Manuscrito cuervo.*

Historia de Jacobo, de Max Aub.

Série Pesquisa, n. 266

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SISTEMA DE BIBLIOTECAS

BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

E85s Erte, Ottmar

Sabersobreviver : a (o)missão da filologia / Ottmar Erte. – Curitiba : Ed.

UFPR, 2015.

320 p. : il. ; 20 cm. – (Série pesquisa ; n. 266).

Bibliografia: p. 315-316

ISBN 978-85-65888-88-2

1. Filologia. 2. Filologia - Filosofia. 3. Filologia românica. 4. Literatura românica. I. Título. II. Série.

CDD: 440

CDU: 804

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-85-65888-88-2

Ref. 789

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua João Negrão, 280 - 2º andar - Centro

Tel.: (41) 3360-7489 - Fax: (41) 3360-7486

80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil

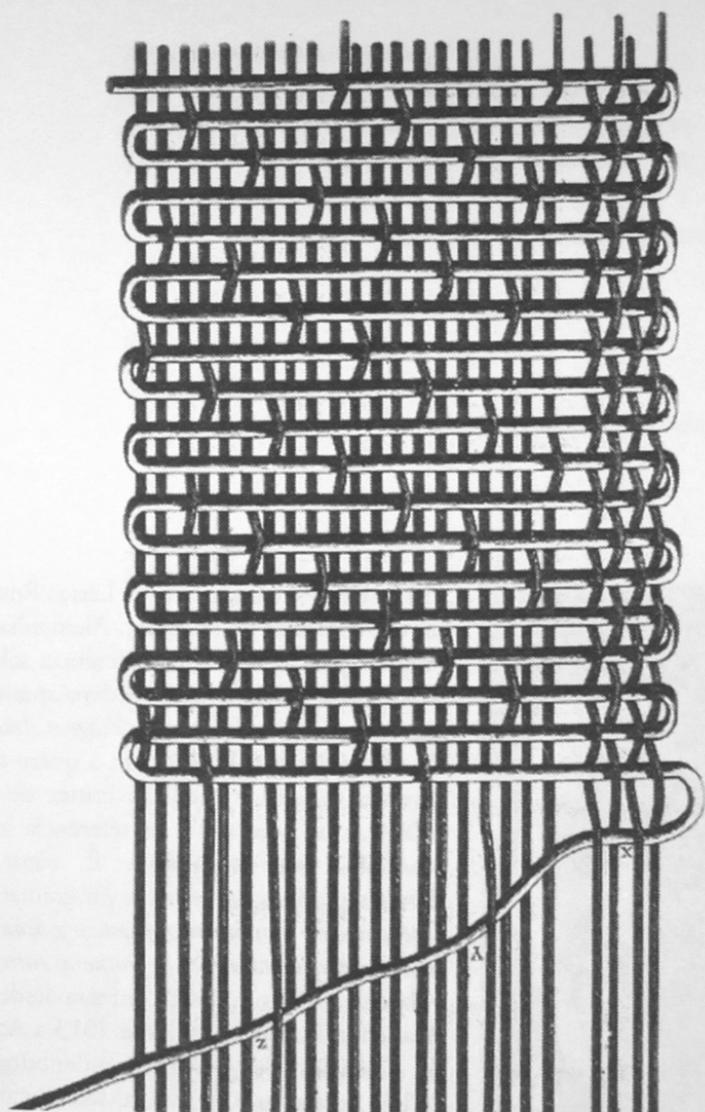
Caixa Postal: 17.309

editora@ufpr.br

www.editora.ufpr.br

2015.

Ottmar Ette . SaberSobreViver





Ottmar Erte é catedrático de Letras Românicas na Universidade de Potsdam, Alemanha, autor, naquele país, de obras de referência sobre José Martí e Roland Barthes. Coordena atualmente a edição crítica dos *Diários de Viagem Americanos* de Alexander von Humboldt, a quem dedicou diversos estudos e a edição crítica de *Kosmos* (2004), que hoje serve de referência à edição brasileira, em preparação. É autor, entre diversas publicações teóricas programáticas, de *Literatura en movimiento. Espacio y dinámica de una escritura transgresora de fronteras entre Europa y América* (Madrid, 2008). Integra desde 2010 a Academia Europaea, e desde 2013 a Academia de Ciências de Berlim-Brandenburgo. Em 2014, passou a integrar a seleta galeria de Membros Honorários da Modern Language Association of America (MLA), ao lado de personalidades como Umberto Eco, Gérard Genette, Julia Kristevá e Tzvetan Todorov.

Para minha mãe
in memoriam

Eis o que é comum à magia
e à mensagem secreta das montanhas. Talvez
as montanhas irradiem confiança a ponto de parecer
concebível que haja um estado final de quietude e de paz
com a vida...

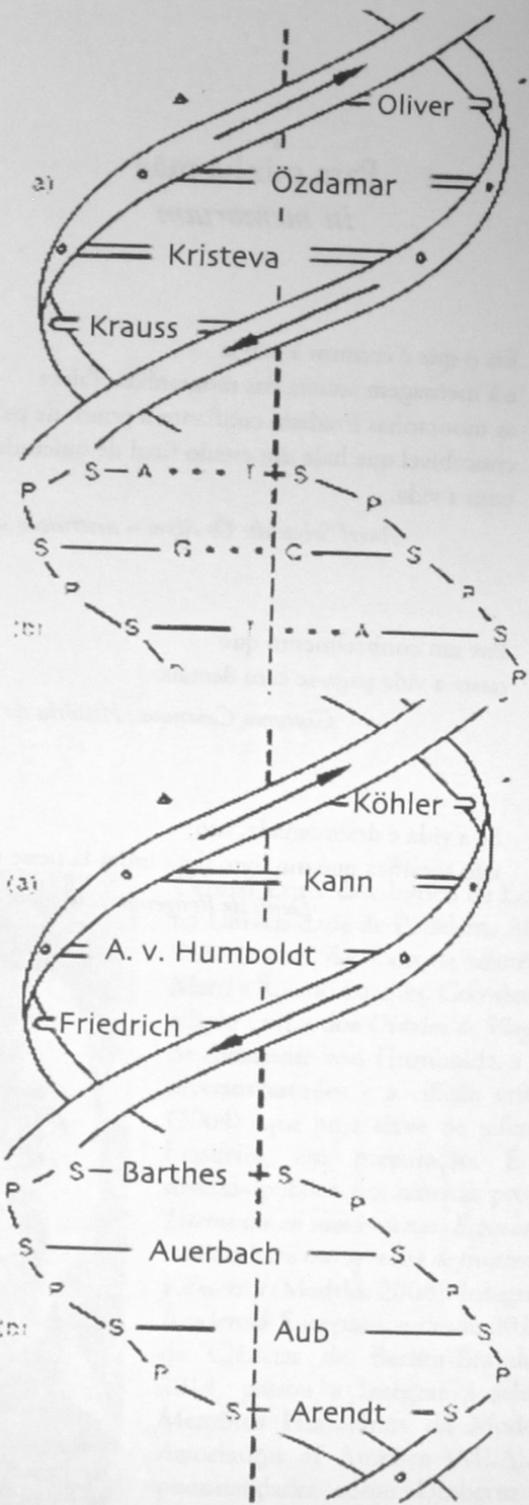
Aurel Schmidt: Os Alpes – destruição sorrateira de um mito

Por um conhecimento que
custa a vida paga-se caro demais.

Giacomo Casanova: História da minha vida, Prefácio

Se a vida é desordenada, isso
não significa que um livro deva imitá-la nesse ponto.

Denis de Rougemont: O amor e o Ocidente, Prefácio



Sumário

Ponto de partida

- Literatura como saber sobre a vida,
Estudos Literários como Ciência da Vida? 11
Além da força vital; Do saber sobre a vida e da vida própria do literário; Biociências e Ciências da vida; Os sistemas fundamentalmente complexos do vivente e do literário

Um. Horizonte

- O espaço globalizante do saber.
Perspectivas de uma ciência para o século XXI 25
Uma cultura, duas culturas, três culturas; Transdisciplinaridade e concepção de mundo; Consciência do mundo e a obra de uma vida; *Humboldtian writing*; popularização e democratização do saber; Uma ciência para o século XXI

Dois. Atlas

- A (o)missão da filologia.
Sobre os clássicos da Romanística na área de Estudos Literários 53
O prazer do texto; Por uma história especializada das formas de escrita; Erich Auerbach ou A mimesis do sujeito científico; Hugo Friedrich ou a coluna vertebral da vontade de conhecimento; Werner Krauss ou a confrontação com os problemas fundamentais; Erich Köhler ou a incidência do acaso; Pelos Estudos Literários sem morada fixa e pela realização de tudo que esteja ao alcance do romanista

Três. Intersecção

- O romanista como romancista.
Uma doutrina da vida como saber-sobreviver 101
O código postal da literatura; Escrita sem fim; Uma literatura do limite; Da vocação do ser humano; Criptofilologia como doutrina do sobreviver; Uma literatura do limite

Quatro. Combustível

- Corpo, Saber, Prazer.
O projeto de Estudos Literários de carne e osso 129
A linguagem como pele; Lógicas múltiplas do prazer do/no texto; Prazeres do corpo, prazeres do corpo-vivo e aventuras do conhecimento; Corpo, Saber, Prazer; A tolice do corpo-animado; E se conhecimento desse prazer?

Cinco. Tomada de posição

- Ciência como jogo infantil.
Observações sobre o jogo das Ciências (Humanas) 157
Ciência como preconceito; Ciência como jogo de interpretação; Ciência como jogo de poder; Ciência como gaia ciência; Ciência como ciência crítica e como ciência positivista; Ciência como jogo infantil

Seis. Emigração

Viver sobre viver.

- Saber-sobre-viver a partir da duplicação 177
 Duplicar vidas; História mundial e história de vida sem corrimão; Escrita auto/biográfica e saber-sobre-viver; Vida à meia-luz e língua materna como terra pátria

Sete. Campo

Manuscritos de foras-da-lei.

- Entre *homo sacer* e *homo ludens* 197
 Familiaridade do estado de exceção; Formas de morte sob o poder total; Teoria do corvo comunicativo; Elementos e origens da fricção total; O poder desnudo e a vida soberana; O jogo (nos tempos) do campo; Do lombo do touro

Oito. Imigração

O spiritus vector da Europa.

- Pátrias e línguas maternas 233
 O mito da fronteira e o mito Europa; A língua da mãe recuperada; A Caravançaraí das culturas; Lírica em/pós- tempos de migração; Spiritus vector ou a escrita na sombra do *homo sacer*

Nove. Companhia de viagem

Diferença, Poder, Tolerância.

- Oito teses e a tentativa de um diálogo entre ciência e política 259
 Saber e ciências da convivência; Tolerância baseia-se em disparidade de poder e cria normas que agradam ao poder; Tolerância é protelação, convivência com os dias contados; Tolerância não permite ao outro tomar a palavra nem tomar consciência; Tolerância tende a fortalecer delimitações já dadas entre o próprio e o alheio; Tolerância é um acordo de moratória com a diversidade; A tolerância essencializa a diferença e contribui com a exclusão; Tolerância baseada em reconhecimento da diferença, do alheio *no* próprio, deixa para trás o discurso da (in)tolerância; Tolerância baseia-se em uma lógica binária, a diferença, em uma lógica relacional

- Notas 283
 Bibliografia selecionada 315



Ponto de partida

Literatura como saber sobre a vida,
Estudos Literários como Ciência da Vida?*

Além da força vital

Aproximando-se do fim de sua vida, Epicarmo recebe de Dionísio a ordem de interpretar um afamado quadro em torno do qual havia muito tempo o povo de Siracusa se reunia. Apesar de todas as tentativas de explicação, o enigma desse quadro, ao qual mais tarde deu-se o título de *O gênio de Rodes*, permanecia sem solução. Nessa obra de um artista desconhecido, vê-se rodeado por um grupo de rapazes e moças nus um jovem gênio, quase uma criança, que de olhar divino segura para o alto uma tocha flamejante. De modo imperioso ele mira de cima os jovens que estão a seus pés, reunidos de maneira ao mesmo tempo saudosa e aflita. A necessidade de interpretação torna-se mesmo iniludível quando um navio que partira de Rodes e entrara em um porto de Siracusa traz ao tirano uma pintura que mostra o mesmo gênio enigmático no meio do seu grupo, só que agora com a cabeça pendendo para baixo, a tocha apagada e rodeado de moças e rapazes que se abraçam em estado de libertação: cabe a Epicarmo, o filósofo, resolver o enigma.

É dá certo. Mesmo que o amigo da verdade viva longe da corte, que subtraia mesmo aos mais espirituosos seu espírito e sua liberdade, ele tem consciência de suas obrigações ante o poder. Assim, como os filósofos costumam fazer, após intensiva observação de ambos os quadros ele reúne seus alunos em torno de si e lhes revela o segredo: *O gênio de Rodes* simboliza a força vital que, diferentemente do que ocorre na natureza inorgânica, une no organismo, de modo imperioso, todos os elementos e substâncias que ademais se manteriam afastados, ao mesmo tempo que mantém distantes um dos outros todos os que, sem a força vital, se veriam compelidos a aglomerar-se, fundir-se e dissolver-se. Epicarmo está seguro do que diz:

‘Cheguem mais perto, meus alunos, e reconheçam no gênio de Rodes, na expressão de sua força juvenil, na borboleta sobre o seu ombro, no olhar de soberano que parte de seus olhos o símbolo da *força vital*, e como ela anima cada germe da criação orgânica. Os elementos da terra, a seus pés, anseiam como que seguir seus próprios desejos e misturar-se uns com os outros. Prescritivo, o gênio os ameaça com a tocha elevada e flamejante e os obriga a seguir as leis dele, a despeito dos direitos que antes detinham.’¹

* Tradução de Natasha Pereira Silva, revisão de Paulo Astor Soethe

O filósofo de Siracusa podia mesmo estar seguro do que diz, Alexander von Humboldt havia colocado em sua boca, conforme admitiu, teoremas sobre a força vital retirados da Fisiologia das Plantas, que em 1793 ele mesmo havia mandado incluir para impressão, em língua latina, nos "Aforismas" de sua *Flora Fribergensis*. Epicarmo não parece ser outra coisa senão o porta-voz da ciência.

Quando Alexander von Humboldt permite a primeira publicação do pequeno relato na revista *As Horas (Die Horen)* de Friedrich Schiller, em 1795, o texto se movia em um terreno assegurado pelas ciências naturais. No entanto, dois anos depois, no final de seu *Experiências sobre a fibra muscular e nervosa tensionada*, – que ele designou "uma grande obra sobre a vida"³ – o jovem cientista já não estava mais tão seguro de seu assunto e não considerava "de modo algum que a existência daquelas forças vitais estivesse comprovada"⁴. Por isso, é de admirar que ele, décadas mais tarde, em 1826, tenha incluído essa narrativa na segunda edição das *Visões da natureza* (até mesmo como um texto chave) e que tampouco tenha prescindido dela na terceira edição ampliada, de 1849. Seu irmão Wilhelm, de todo modo, não fizera rodeios ao classificar a narrativa sob a categoria das "roupagens semipoéticas de grandes verdades"⁵. Tratava-se da liberdade nostálgica de quem revisa seus oitenta anos de vida e mais de seis décadas de trabalho científico coroado de êxitos?

De fato, ao receber os acréscimos de 1849 – nos quais Alexander von Humboldt remete a seus escritos mais antigos e cita diversas vezes o *Kosmos*, sua suma científica –, a narrativa passa a conter em si uma biografia científica (a dele). E não foi preciso muito, para que algumas citações lançassem luz característica também sobre o escritor e sábio que então vivia como camareiro na corte prussiana. Bastava que o narrador dissesse sobre Epicarmo, ao público de sua época:

Eram raras suas visitas à corte dos Dionisos: não porque homens distintos de todas as colônias gregas não viessem reunir-se em volta dele, mas porque tal proximidade aos príncipes subtrai mesmo dos homens mais espirituosos sua inteligência e sua liberdade. Ele se ocupava incessantemente da natureza das coisas e de suas forças, do surgimento das plantas e animais, das leis harmônicas, segundo as quais se constituem, em grande escala, o corpo do mundo, e em escala pequena, flocos de gelo e pedras de granizo.⁶

Apesar de sua pequena extensão, seria possível acrescentar exemplos dessa presença da própria vida, da dimensão autobiográfica na narrativa. E mesmo assim, ao lado da dimensão científica e autobiográfica da vida, destaca-se no texto ainda outra dimensão, que tange à vida do próprio texto e que bem pode ter movido Humboldt à nova e reiterada impressão de seu ensaio literário de juventude. Há tempo já havia desaparecido o fundamento da legitimação científica ou da afirmação alegórica de uma existência das forças vitais aceitas cientificamente; tampouco faltam passagens autobiográficas na obra de Humboldt em seu todo: devem ter sido outras, portanto, as razões para que se incluísse esse texto breve nas *Visões da natureza*, obra em que literatura e ciência se enlaçam, de modo a selar a "aliança de um propósito literário com outro, puramente científico"⁷ – aliança que Humboldt tanto almejava.

As razões certamente poderiam ser de ordem temática. Pois no cosmos dos escritos e atividades de Humboldt ocupar-se com a vida nas suas mais variadas formas científicas e sociais, culturais e artísticas tem, sem dúvida, um significado extraordinário. Tudo em Humboldt tudo parece girar em torno do “processo da vida”. A mera presença de “A força vital e o gênio de Rodes”, que surpreende até hoje os leitores, chama atenção para esse fato.

Humboldt se encontrava aqui em harmonia com as transformações fundamentais que Michael Foucault, em *As palavras e as coisas*, situou no período entre 1775 e 1795⁸. Segundo Foucault, o conceito da vida assumiu uma posição central para aquela ordenação do conhecimento nova e moderna, tornou-se “indispensável para a reordenação da natureza”⁹ e controlou daí em diante a oposição fundamental entre o vivo e o não-vivo. Remetendo-se à sua conhecida interpretação de *As meninas*, de Diego Velázquez, enquanto representação artística das meninas na corte, o arqueólogo da ciência acentuou justamente a interface entre vida, trabalho e linguagem, tão constitutiva da modernidade, e que assume importância tão significativa para as concepções do jovem Humboldt:

Só quando a história natural se torna biologia, a análise das riquezas se torna economia, e quando, acima de tudo, a reflexão sobre a linguagem se torna filologia, e quando cessa então aquele discurso clássico em que o ser e a representação encontravam seu lugar comum, só aí, no movimento profundo de uma tal transformação arqueológica, é que surge o homem com sua posição não evidente de objeto do saber e de sujeito que conhece: soberano submisso, observador observado, ele substitui o rei justamente naquele lugar que *As meninas* lhe designaram de antemão, e do qual sua presença real estava excluída, havia muito tempo.¹⁰

‘A força vital ou o gênio de Rodes’, bem como a história de sua publicação, situa-se na intersecção dos novos campos do saber que estão se constituindo; ao mesmo tempo, a narrativa acentua a descontinuidade fundamental com que o conceito de vida ganha evidência no contexto da modernidade, para além da noção de força vital. O que distingue o gênio de Humboldt é que ele, décadas depois de criar seu pequeno texto em prosa, foi capaz de reconhecer tal coisa.

Do saber sobre a vida e da vida própria do literário

Com isso está relacionado sem dúvida um outro motivo que pode ter sido determinante para a inclusão do “gênio de Rodes” nas *Visões da natureza*. Pois o texto encena, ele mesmo, o modo como escapa repetidas vezes do fundamento científico exposto pelo filósofo, para então desenvolver sua vida (literária) própria. Não é a toa que o título dessa narrativa tem duas partes: somente a atribuição de um título científico – algo como “a força vital” – não teria sido suficiente para reproduzir o movimento duplicado da lógica científica e literária. A narrativa parece resolver um enigma, mas propõe muitos outros: Por que a extinção da força vital é relacionada justamente aos “múltiplos abraços”¹¹ dos jovens e das moças nuas, que, em “estado de liberação selvagem”, entregam-se à “satisfação da

saudade há tanto tempo cultivada”¹²? Por que o conhecimento da força vital está associado à morte de Epicarmo, que está na iminência de acontecer? O pequeno esboço literário de Alexander von Humboldt deixa em aberto várias questões; em outras palavras: ele mostra uma grande abertura semântica que não pode ser delimitada pela formulação de hipótese fisiológica alguma. Não se pode reduzir a lógica literária à das ciências (naturais). Tampouco se pode fixar a problemática da vida por meio de axiomas.

O interessante é que no relato de Humboldt a questão sobre a força vital só emerge quando se acrescenta uma segunda imagem à primeira, o que faz despontar um *movimento*, no sentido de uma sequência de imagens – não exclusivamente linear. Esse movimento introduz, entre tochas acesas e chamas extintas, estruturas narrativas e polissemias irreduzíveis a uma única finalidade ou causalidade, cuja multiplicidade de sentidos encena a vida como abertura da vida-própria do texto em si. Assim fica claro que “A força vital ou O gênio de Rodes” torna disponível um saber sobre a vida que não se deixa reduzir ou limitar a um construto teórico sobre a vida próprio às ciências naturais. A dimensão estética da escrita não se limita a ser ornamento, mas é, justamente pelo caráter de inconclusão dos processos de significação que ela desencadeia ou está por desencadear, um *saber sobre a vida* que se apresenta sob forma narrativa.

O conceito de saber sobre a vida baseia-se em uma complexa relação entre os dois polos semânticos dessa expressão. Em alemão, trata-se de uma só palavra, *Lebenswissen*, que pode ser entendida de diversos modos como um “saber da vida”. Essa possibilidade de interpretar a relação entre os dois termos como *genitivus obiectivus*, *possessivus*, *qualitatis* e, por fim, como *genitivus subiectivus* evidencia que o termo contempla tanto um saber sobre a vida (que é como se optou por traduzir a expressão em português) quanto um saber da vida sobre si mesma, tanto um saber enquanto componente essencial da vida (e do sobreviver) quanto também enquanto qualidade fundamental da vida em geral, e enfim, tanto um saber *sobre a vida* como um saber *em meio à vida*. Dessa perspectiva, o saber sobre a vida aparece ora como um modo específico de condução da vida e de prática da vida, e portanto se pode entendê-lo como noção de modelo para a vida e como apreensão descritiva da vida, sendo de importância inestimável aqui a autorreferencialidade e a autorreflexividade de todos os processos do saber sobre a vida. Diante disso, o saber sobre a vida é estruturado – em contextos culturais múltiplos, por exemplo – de modos muito diversos, na medida em que a dinâmica, a mobilidade, a descontinuidade e a fragmentariedade dos acervos do saber sobre a vida também continuam se orientando segundo o grau de flexibilidade e segundo o vigor dos processos multi-, inter- e transculturais em curso. O saber sobre a vida está atrelado aqui a experiências de vida específicas, mas nunca a uma única lógica; pelo contrário, esse conceito contém exatamente a capacidade (útil à sobrevivência) de poder pensar e proceder segundo diversas lógicas *ao mesmo tempo*.

Contudo, conquista-se o saber sobre a vida não apenas por meio de experiências concretas em contextos de vida imediatos, mas também por meio da produção e

recepção de bens simbólicos, das mais diferentes formas de apropriação da arte e da literatura. Sem poder entrar aqui na questão sobre a legitimidade e validade de convicções, atitudes e ações, princípios e práticas, cabe destacar desde já que os próximos capítulos tratarão em diversos momentos da efetividade da literatura, que enquanto um saber sobre a vida e um saber em meio à vida também torna acessível uma saber-sobre-viver, que vai das celas de extermínio e da experiência em campos de concentração na Europa fascista, passando pelas mais diversas formas do saber migratório, até a prática reflexiva, política e filosófica, em sociedades multiculturais na virada para o século XXI. Como já se esclareceu, com base no exemplo do texto em prosa de Humboldt, a inevitável provisoriidade de todo saber sobre a vida e em meio à vida, assim como toda a polissemia e fragmentariedade da vida em si mesma, encontram-se guardados no sentido da literatura em si mesma, e em sua pertinácia. Daí não resulta necessariamente que se deva vislumbrar na literatura um tipo de “saber mais elevado sobre a vida”. Mas bem se poderia atribuir à literatura a capacidade não apenas de por em cena formas e práticas de vida normativas, mas também de colocá-las a disposição de modo performativo, em contextos sérios. O literário sempre contém um saber sobre os limites dos acervos de saber próprios a uma dada sociedade ou cultura, quanto à sua validade.

A partir desse contexto, a literatura pode ser entendida, nas suas mais diversas formas de escrita, como mídia de armazenamento de saberes sobre a vida, uma mídia interativa, e que ao mesmo tempo se transforma. Diferentemente do que se dá na filosofia, no campo do literário não se trata de construir sistemas de sentido coerentes em si mesmos, mas da capacidade artística de enriquecer as coerências por meio de decoerências – entendidas na teoria quântica como superposições e emaranhamentos. A interação dos diferentes gêneros literários permite por exemplo a Hannah Arendt que ela relacione, em sua discussão com Rahel Varnhagen, a biografia (enquanto saber sobre uma vida vivida há muito tempo, mas sem haver se tornado histórica) com a autobiografia (enquanto saber sobre como transformar a própria vida em um saber sobre a vida que não reincida em mera contingência individual). Os poemas de Emma Kann ou José F. A. Oliver mostram, por sua vez, revelam um saber sobre as possibilidades de fazer convergir, de forma frágil, os mais diversos fragmentos de saber sobre figuras subjetivas (figuras “eu”) aptas à transformação, enquanto os romances de um Werner Krauss ou de uma Emine Sevgi Özdamar proporcionam um saber sobre quais são os modelos de vida e formas de apropriação da vida possíveis, sendo que tais textos em prosa ainda têm condições, ao mesmo tempo, de incorporar – sob um procedimento de hibridização e com seus diferentes enfoques em torno do saber sobre a vida – os gêneros mencionados há pouco. Como demonstra o romance *PLN. Die Passionen der halykonischen Seele*, de Werner Krauss, não raro basta uma pequena rotação para que filologia e filosofia encandeiem-se uma na outra, e de igual modo, para que o mesmo aconteça entre um saber denso sobre a vida e a luta pela sobrevivência.

É missão da filologia confrontar-se com tais tradições, gêneros, dimensões

e índoles do saber sobre a vida, todos específicos e muito diversos. Com isso, as filologias se habilitariam a produzir, de sua parte, formas e modos do saber sobre a vida que pudessem tornar-se social, política e culturalmente relevante e significativos. As teses formuladas ao final do presente volume empreendem a tentativa, portanto, de colocar um saber que se deve a situações sociohistóricas concretas em diálogo com reservas de saber obtidas de textos literários. Abre-se para as filologias, neste contexto, uma atividade extremamente promissora e exigente, que conflita com a ordem das coisas e dos discursos estabelecida ao longo deste último século, sempre mais consolidada e disciplinadora.

Requisito para tanto é a compreensão do fato de que o saber sobre a vida se aloja em *todos* os níveis da comunicação literária. Assim, não está em primeiro plano um diálogo supostamente “direto” entre texto literário e público leitor externo ao texto. De interesse prioritário podem ser justamente os acervos de saber sobre a vida que se referem à situação comunicativa interna ao texto e que por exemplo munem as diferentes personagens do romance com formas muito diversas de um saber sobre a vida. Não é o apelo direto ao público leitor que possibilita compreender textos tão diversos como a biografia de Hannah Arendt sobre Rahel Varnhagen, os contos e romances de Emine Sevgi Özdamar e *Die Schöne des Herrn* de Albert Cohen como espaços de experimentação ficcional e friccional, mas sim a encenação de um provimento de suas diferentes personagens com fragmentos de saber. Em tais espaços de experimentação a vida própria e a pertinência do literário – assim como em *O prazer do texto*, do Roland Barthes – mantêm vínculo direto com o saber que regula as formas concretas da vida prática. Não é raro, assim, que se destaque a força do literário – não só quanto à conformação da vida, mas também de sua salvação: a capacidade da literatura de, em contextos culturais e sociais os mais variados, transformar fragmentos dispersos do saber sobre a vida em um saber-sobre-viver.

Biociências e Ciências da vida

Como pretendem mostrar os estudos do presente volume, o trato de científico com a literatura pode impor-se o objetivo de explorar campos os mais abrangentes e complexos desse saber armazenado, torná-los acessíveis e frutíferos para o pensamento e o agir de hoje. Os Estudos Literários como área acadêmico-científica podem ser, portanto, uma Ciência da Vida?

A narrativa de Alexander von Humboldt é um texto fronteiro, que demonstra com grande concisão estética a intenção de suas *Visões da natureza*, a saber: a “ligação entre uma finalidade literária e uma finalidade puramente científica”¹³. Na segunda metade do século XX, os limites entre as ciências, mas também entre a ciência e a literatura, voltaram a entrar em movimento, de um modo tão múltiplo quanto fundamental. Delimitações fixas entre as ciências naturais e da cultura, entre ciências sociais e humanas, embora continuem atendendo aos

sistemas de ordenação do meio científico neste começo do século XXI, há muito tempo já não correspondem ao desenvolvimento da prática científica concreta. Tal tendência já se esboçava no começo dos anos 1990¹⁴. Não é preciso ter dotes proféticos para prognosticar que esse desenvolvimento irá acelerar-se sob o signo de um desdobramento de concepções científicas transdisciplinares, em paralelo e de modo complementar a outras formas de diferenciação, autonomização e especialização do saber no século XXI.

A abertura de novos espaços de saber por entre as divisões da sistemática científica já existente, ou de modo enviesado em relação a ela, constitui um dos pressupostos básicos para que haja criatividade e produtividade nas ciências, e para que sua presença e desempenho social sejam efetivos. Contudo, não é raro que novos espaços de saber não sejam de fato explorados e utilizados, mas somente ocupados de forma nominal, sem que as respectivas ciências estejam em condições de desenvolver instrumentos à altura dos novos conceitos criados nem de preencher o *horizonte* desfraldado por elas mesmas.

Um bom exemplo disso é dado pelo conceito das Ciências da Vida. Não foi só a partir de 2001, quando o Ministério Federal da Educação e Pesquisa da Alemanha em conjunto com outras instituições no país anunciou o “Ano das Ciências da Vida”, que a discussão em torno do genoma humano, da pesquisa sobre células-tronco ou sobre as possibilidades de clonar a vida animal ou humana e de manipular geneticamente os caracteres hereditários e as sementes suscitou no espaço público a impressão crescente de que as ciências altamente especializadas aqui envolvidas cobriam todo o espectro da vida humana. Pelo menos até que ocorressem os atentados de 11 de setembro, os cadernos culturais, séries televisivas, debates políticos e talk-shows eram dominados pela busca da chave para a vida humana. Foi nesse contexto que se começou a pensar a vida, quase que exclusivamente, como um código complexo, mas solucionável.¹⁵ Foi por causa de seus modelos explicativos fascinantes e dos impressionantes resultados científicos, que avançaram mais e mais até diversos campos da vida cotidiana e da asseguaração do futuro, que as biociências se transformaram – nos meios de comunicação de massa, mas também nas áreas ligadas ao financiamento da pesquisa – em algo que avançou para além do significado original do conceito *life sciences* em língua inglesa: elas foram proclamadas como ciências da Vida, pura e simplesmente. O enigma da vida, ao qual Alexander von Humboldt ainda pôde dar a forma de uma alegorese literário-filosófico-científica, pareceu revelar-se passível de decodificação: como uma cadeia calculável e, em última instância, previsível; um código. Diante das pretensões de universalidade e hegemonia desse determinado espectro de disciplinas no âmbito da acirrada rivalidade entre as ciências desde o início do século XIX, caberia opor, no entanto, o que Hans-Georg Gadamer escreveu sobre a relação entre ciências naturais e humanas, a partir de uma filosofia da escuta e da escuta atenta:

Ainda se costuma perguntar às ciências humanas em que sentido elas querem ser tidas como ciência, já que não há critério para a compreensão de textos ou expressões. Para as

ciências naturais e as formas de circulação da técnica é supostamente certo haver garantia da univocidade dos meios de entendimento mútuo. Inquestionável, porém, é que mesmo o aparato de uma civilização fundada na ciência e na técnica ainda está muito longe de perfazer o todo da convivência.¹⁶

Assim, convém ter cautela. O conceito de Ciências da Vida é não só tão múltiplo de sentidos e reluzente, tão abrangente e vendável, como se como tivesse sido concebido por estratégias publicitárias especialmente para fazer prevalecer os interesses das biociências e ciências naturais nas comunidades de pesquisa e sociais; ele é, para além disso, um conceito de recalcamento, que não apenas reduz enormemente o conceito de vida, se comparado à antiguidade ocidental, mas trata também de manter as outras ciências afastadas do acesso à vida, revelando uma tendência possessiva, por assim dizer – e isso justamente por estar fazendo uso de um conjunto de metáforas emprestado da literatura e das ciências humanas. Não só o código genético da vida é *legível*, como também o código da encenação praticada pelas biociências.

Há muito tempo – e isto é evidente segundo a história da disciplina – a Filosofia vem reagindo aos desafios que representam os problemas levantados pela tecnologia genética, e justamente no campo da eugenia levantou a questão sobre uma vida sem “a movência de sentimentos morais de dever e culpa, de repreensão e perdão, sem o elemento libertador ocasionado pelo respeito moral, sem o elemento de felicidade ocasionado pelo apoio solidário e sem o elemento opressor da falha moral, sem a ‘cordialidade’ própria a um trato civilizado com o conflito e a contradição”¹⁷. Em discurso proferido por ocasião da entrega de um prêmio em Zurique no ano 2000, Jürgen Habermas também constata que “a filosofia” não se arrisca mais, hoje em dia, “a respostas vinculativas diante de perguntas sobre a conduta da vida pessoal ou mesmo coletiva”¹⁸. Para além dessa crítica já manifestada por Adorno a uma ética que regrediu a “ciência triste”¹⁹, é revelador que Habermas primeiro recorra a um texto literário de Max Frisch e utilize em suas considerações o potencial de perguntas inquietantes – e de respostas não menos inquietantes – que desde sempre a literatura coloca à disposição de seu público. Pois, assim como *Stiller*, a literatura em momento algum renuncia a narrar e voltar a narrar sobre a vida e a nos mostrar paradoxos e aporias do saber sobre a vida. A Ciência da Literatura, os Estudos Literários, no entanto, quase não reagem mais a essas questões, e parecem mesmo nem ouvi-las. Não foram os Estudos Literários, no fundo, que deixaram de ser uma ciência ao menos fruidora, se não uma gaia ciência, para tornar-se enfim uma ciência triste?

Justamente nas ciências que se ocupam sobretudo de procedimentos de significação, pouco se refletiu sobre o alcance da intromissão biocientífica na caixa mágica semântica. Pois ao se recorrer à metáfora da vida e ao se ocasionar com isso diversos equívocos e confusões, não se trata só de uma apropriação inexpressiva do valor filosófico dessa metáfora no contexto de um conjunto de tantas outras tacitamente compartilhado por todas as ciências. A difusão rápida e bem veloz do conceito de Ciências da Vida levou a muitas reações e queixas, mas – a meu ver – a nenhuma estratégia propriamente dita, em especial nas ciências que tratam da

literatura em sentido amplo. Essas ciências procederiam de forma pouco acertada se abdicassem do conceito da vida e o abandonassem, sem necessidade nem bom senso, a um uso altamente limitado. Um comportamento como esse equivaleria a por a vida duplamente em risco.

A propagação fenomenal do conceito no espaço público deveria nos deixar atentos ao grande interesse de amplas camadas da população quanto a formas de se ocupar cientificamente com fenômenos da vida. Ao mesmo tempo, porém, deveria nos abrir os ouvidos para saber que chances residem na exploração futura de novos espaços de saber, sob um alinhamento das ciências humanas e da cultura em torno de questões ligadas à Ciência da Vida. Pois a vida, em sentido científico, tampouco é presa de um só grupo de disciplinas, ela não segue a lógica de um código único. As ciências naturais não foram elas mesmas impressionantemente aclaradas em seu entrelaçamento múltiplo (e não somente metafórico) com “economias morais” e “paixões cognitivas”? Recentemente, a historiadora da ciência Lorraine Daston encontrou formulação bastante concisa para a questão:

Em nossa cultura, ciência está para racionalidade e facticidade, e por isso soa quase como um paradoxo quando se formula a tese de que a ciência depende consideravelmente de constelações bem específicas de emoções e valores. Com o aumento da motivação, emoções podem impulsionar o trabalho científico; valores podem se infiltrar sob a forma de ideologias nos resultados científicos ou, como normas institucionais, amparar a ciência; mas no cerne da ciência não se infiltram nem valores nem emoções – soam assim as habituais contradições e as delimitações ditadas por eles. O ideal da objetividade científica, como é defendido hoje, baseia-se na existência e impermeabilidade dessas demarcações.²⁰

Pode ser consolador que as Ciências da Vida participem da vida certamente mais do que lhes é consciente ou desejável. Isso, porém, não dispensa da obrigação de proteger a vida e o saber sobre a vida contra uma pretensão de monopólio (bio) científico, mesmo quando ela se manifesta por ora ‘apenas’ no plano de novas conceitualizações – e da construção do objeto, portanto. Não seria melhor recusar o conceito de Ciências da Vida ou simplesmente deixá-lo para as Biociências?

Essa alternativa não ofereceria uma solução. Pois a retomada do termo “ciência da vida” por parte das ciências designadas humanas ou da cultura não obriga, de modo algum, a colocar-se na linha de tradição que ingressou na consciência pública de maneira mais firme sob o conceito da “Filosofia da Vida” no século XIX e começo do XX. Por conseguinte – e a seguir – não vai se tratar de questionamentos especificamente ligados à filosofia da vida, que afinal sempre têm como ponto de partida a noção de que a vida, ela mesma, não é compreensível com ajuda de métodos científicos e escapa, de modo fundamental, a todos os modelos de compreensão e submissão a testes experimentais. Tampouco se deve determinar e interpretar a ‘vida’ aqui do ponto de vista de grupos de especialistas reunidos em uma ou mais disciplinas, como ocorreu (em reação aos avanços evidentes das Biociências) na “Filosofia da Vida” com sua pretensão não raramente holística e decorrente de seu antagonismo às Biociências.

Sem dúvida, tanto no campo da filosofia como no da literatura os modelos da “vida correta” tem durabilidade cada vez menor. Pluralizar as formas e condições de

vida no horizonte dos movimentos multi-, inter- e transculturais que se mostram cada vez mais fortes acrescenta um empenho quase dispensável, quando se trata de continuar promovendo esse processo na quarta fase de globalização acelerada que se vive hoje. Contudo, justamente em tempos de discussões virulentas sobre diagnóstico de pré-implantação ou pesquisa sobre células-tronco embrionárias, é que a literatura e as ciências que dela se ocupam (inclusive em comparação com a filosofia) têm melhores chances de esboçar e representar modelos de vida sem se tornarem suspeitas de querer apresentar ou mesmo prescrever esboços de vida normativos.

A literatura – compreendida em sentido amplo – não orienta de modo prioritário seu conceito de vida segundo uma separação do orgânico e inorgânico, nem somente segundo dimensões de vida carnis ou corporais, anímicas ou intelectuais. Ela dispõe de muitos códigos, das mais diferentes tradições de pensamento e de escrita, que em sua diversidade constitutiva, mas também em sua expressividade poderiam e deveriam ser colocados em contato com resultados de pesquisas atuais da Biociência. Mesmo nas ciências humanas tradicionais, começa a ganhar espaço a convicção de que o corpo humano não pode mais ser investigado apenas do ponto de vista da história dos motivos e, no mais, ser abandonado como “natureza” às faculdades de medicina e ciências naturais. O desenvolvimento de novas formas de cooperação inter- e transdisciplinar é um imperativo urgente para a aquisição de novo saber sobre a vida.

Logo, não é possível que se trate de compreender de forma exclusivamente disciplinar o saber sobre a vida tal como esteticamente expresso na forma textual e, com isso, discipliná-lo. O conceito do saber – e com isso também o de saber sobre a vida – ultrapassa sem sombra de dúvida o campo da ciência e inclui principalmente as formas artísticas, narrativas, poéticas e carnal-corporais de saber, expressão e armazenamento, as quais, por sua vez, são ou podem se tornar acessíveis à análise científica. Com isso, ficam em primeiro plano as formas de tradução intermediárias do saber – como mostra o exemplo de Humboldt –, mas também os aspectos performativos, justamente em vista da prática da vida e de um “bem-viver” (ou “sobreviver”) que cabe almejar. Dessa forma, o saber sobre a vida pode ser produzido, representado e interpretado em textos escritos (no romance ou em uma doutrina filosófica da vida, em biografia ou autobiografia, em reflexões filológicas ou máximas morais), assim como em textos imagéticos, em encenações e performances do corpo vivo, como também no questionamento e na representação (artística ou científica) do saber sobre o corpo. Para tanto, dedicarei nos próximos capítulos especial atenção às formas híbridas da escrita, sobretudo porque é possível compreender a hibridez como “perplexidade do vivo (*living*)”, “na medida em que ele interrompe a representação da plenitude da vida (*life*)”²¹. Este livro quer tomar parte da perplexidade ante o vivente e o vital, mas também ante a situação de se ver ameaçado pela morte.

Quando se observa o desenvolvimento das ciências humanas ou das ciências da cultura especialmente na segunda metade do século passado, é notável que durante esse período progressivamente se tenha filtrado delas o conceito de vida,

e isso sob o signo dos debates metodológicos e de crítica ideológica. Isso não significa, por exemplo, que necessariamente tenha ocorrido uma perda da relação delas com a vida; mas talvez tenha se perdido, sim, um horizonte reflexivo cujo potencial de geração de sentido e de referenciamento à ação as demais ciências foram incorporando a si mesmas, de modo progressivo. Não obstante, não há razão sã para que justamente as filologias abdicuem do conceito da vida e cedam a outras ciências e configurações do saber a tarefa de tornar acessível o saber sobre a vida, como conhecimento sobre a vida e da vida em si mesma. Como as Biociências, também as filologias participam das ciências da vida, as quais se orientam segundo um conceito de vida bastante abrangente e complexo.

Os sistemas fundamentalmente complexos do vivente e do literário

É admirável como as ciências da palavra costumam ignorar, em textos literários, essa palavrinha “vida”, como se ela nada tivesse a contribuir para a análise e interpretação. Poderia ficar-se tentado a falar de uma suplantação do conceito de vida das filologias. Mas como defrontar-se com um tal desenvolvimento? Não existiria o risco de equiparar a literatura e a arte – “sistemas secundários modelares”²², dos quais Iuri M. Lotman falava com muito entusiasmo – com a “vida”, prestar tributo a uma teoria tosca de representação especular, ou então recair em um realismo esquemático de proveniência tanto pré-estruturalista quanto pré-pós-estruturalista?

As considerações anteriores – dentre as quais sobretudo a separação clara entre níveis de comunicação internos e externos ao texto –, mas também as investigações a seguir devem eliminar esses temores. Cabe aqui por à prova uma multiplicidade de perspectivas diferentes sobre o saber sobre a vida enquanto objeto de pesquisa. A atividade científica dedicada ao saber sobre a vida pode incluir a vivência concreta bem como abordagens biocientíficas, pesquisar a convivência de culturas diversas e questões da corporalidade, em sua dimensão fisiológica ou de atuação com o corpo. Pois se deve haver Ciências da Vida em um sentido mais adequado ao conceito, elas precisam integrar em si a ampla variedade do *bios* grego (e não só do *zoé*)²³ e com isso também as diversas lógicas que se constituíram ao longo da confrontação intelectual com os mais diversos campos da vida. A vida “nua”, “pura e simples”, que liga o ser humano a todos os outros seres vivos, e a vida que se constitui por via política, social e cultural – “natureza” e “cultura”, quanto ao vínculo de ambas com a vida – devem ser associadas de modo relacional e segundo as lógicas mais diversas²⁴.

O presente volume entende-se como uma primeira tentativa de alcançar essa meta sob a perspectiva das ciências humanas e da cultura. Ele apresenta esforços por manter abertas essas fronteiras e explorar novos espaços fronteiros do saber, empreendidos no início e nas fases finais da modernidade, e ainda

Bibliografía seleccionada

- Agamben, Giorgio. *Homo sacer. Die souveräne Macht und das nackte Leben*. Trad. alemã de Hubert Thüring. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2002.
- Agamben, Giorgio. *Stato di eccezione. Homo sacer, II, I*. Torino: Bollati Boringhiero, 2003.
- Albert, Mathias. *Zur Politik der Welsgesellschaft. Identität und recht im Kontext internationaler Vergesellschaftung*. Velbrück Wissenschaft, 2002.
- Anderson, Benedict. *Imagined communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso, 1983.
- Arendt, Hannah; Heidegger, Martin. *Briefe 1925 bis 1975 und andere Zeugnisse*. Ed. por Ursula Ludz. Frankfurt/M.: Vittorio Klostermann, 1998.
- Auerbach, Erich. *Mimesis. Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*: Bern: A. Francke, 1946.
- Bade, Klaus J. *Europa in Bewegung. Migration vom späten 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*. Munique: C. H. Beck, 2000.
- Barthes, Roland. *CEuvres complètes*. Edition établie et présentée par Erich Marty. 3 vols. Paris: Seuil 1993-1995.
- Barthes, Roland. *Comment vivre ensemble. Simulations romanesques de quelques espaces quotidiens. Notes de cours et de séminaires au Collège de France, 1976-1977*. Texte établi, annoté et présentée par Claude Coste. Paris: Seuil – IMEC, 2002.
- Bhabha, Homi K. (org.). *Nation and Narration*. Londres; Nova York: Routledge, 1990.
- Blanckeman, Bruno. *Les récits indécidables: Jean Echenoz, Hervé Guibert, Pascal Quignard*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2000.
- Blumenberg, Hans. *Die Lesbarkeit der Welt*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1986.
- Bourieu, Pierre. *Homo academicus*. Paris: Seuil, 1984.
- Bourdieu, Pierre. *Sur la télévision, suivi de L'prise su journalisme*. Pris: Liber Editions, 1996.
- Brockman, John. *The Third Culture. Beyond the Scientific Revolution*. Nova York: Touchstone – Simon & Schuster, 1996.
- Brunkhorst, Hauke. *Hannah Arendt*. Munique: C. H. Beck, 1999.
- Bürger, Peter. *Theorie der Avantgarde*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1974.
- Burger, Hermann. *Die allmähliche Verfertigung der Idee beim Schreiben. Frankfurter Poetik-Vorlesung*. Frankfurt/M.: S. Fischer, 1986.
- Butler, Judith. *Gender trouble. Feminism and the subversion of identity*. Londres: Routledge, 1990.
- Cannon, Susan Faye: *Science in Culture: The early Victorian Period*. Nova York: Dawson and Science History Publications, 1978.
- Chaunu, Pierre. *La Civilisation de l'Europe des Lumières*. Paris: Flammarion, 1982.
- Compagnon, Antoine. *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*. Paris: Seuil, 1998.
- Cramer, Friedrich. *Chaos und Ordnung. Die komplexe Struktur des Lebendigen*. Frankfurt/M. – Leipzig: Insel Verlag, 1996.
- Daston, Lorraine. *Wunder, Beweise und Tatsachen. Zur Geschichte der Rationalität*. Trad. alemã de Gerhard Herrgott, Christa Krüger e Susanne Scharnowski. Frankfurt/M.: Fischer Taschenbuch, 2001.
- Derrida, Jacques. *Psyché. Invention de l'autre*. Paris, 1987.
- Ette, Ottmar. *Roland Barthes. Eine intellektuelle Biographie*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1998.
- Ette, Ottmar. *Literatur in Bewegung. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika*. Weilerswist: Velbrück Wissenschaft, 2001.
- Ette, Ottmar. *Weltbewusstsein. Alexander von Humboldt und das unvollendete Projekt einer anderen Moderne*. Weilerswist: Velbrück Wissenschaft, 2002.
- Fetscher, Iring. *Toleranz. Von der Unentbehrlichkeit einer kleinen Tugend für die Demokratie. Historische Rückblicke und aktuelle Probleme*. Stuttgart: Radius-Verlag, 1990.
- Forst, Rainer (org.). *Toleranz. Philosophische Grundlagen und gesellschaftliche Praxis einer umstrittenen*

Bibliografía seleccionada

- Tugend*. Frankfurt/M. – Nova York: Campus Verlag, 2000.
- Foucault, Michel. *Die Ordnung der Dinge. Eine Archäologie der Humanwissenschaften*. Trad. alemã de Ulrich Köppen. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1974.
- Frühwald, Wolfgang; Jaus, Hans Robert; Koselleck, Reinhart; Mittelstrass, Jürgen; Steinwachs, Burkhard. *Geisteswissenschaften heute. Eine Denkschrift*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1991.
- Geertz, Clifford. *Welt in Strüken. Kultur und Politik am Ende des 20. Jahrhunderts*. Trad. alemã de Herwig Engelmann. Wien: Passagen, 1996.
- Gelz, Andreas. *Postavantgardistische Ästhetik. Positionen der französischen und italienischen Gegenwartsliteratur*. Tübingen: Niemeyer, 1996.
- Genette, Gérard. *Diction et fiction*. Paris: Seuil, 1991.
- Gumbrecht, Hans Ulrich: *Vom Leben und Sterben der großen Romanisten. Karl Vossler, Ernst Robert Curtius, Leo Spitzer, Erich Auerbach, Werner Krauss*. Munique; Viena: Carl Hanser Verlag, 2002.
- Habermas, Jürgen. *Die Zukunft der menschlichen Natur. Auf dem weg zu einer liberalen Eugenik?* 4. ed. ampl. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2002.
- Hausmann, Frank-Rutger: „Vom Strudel der Ereignisse verschlungen“. *Deutsche Romanistik im „Dritten Reich“*. Frankfurt/M.: Vittorio Klostermann, 2000.
- Heidegger, Martin. *Platons Lehre von der Wahrheit. Mit einem Brief über den „Humanismus“*. Bern: Francke, 1954.
- Humboldt, Alexander von. *Kosmos. Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*. 5 vols. Stuttgart; Tübingen: Cotta, 1845-1862.
- Irigaray, Luce. *Je, tu, nous. Pour une culture de la différence*. Paris: Grasset, 1990.
- Jehle, Peter. *Werner Krauss und die Romanistik im NS-Staat*. Hamburgo; Berlin: Argument, 1996.
- Köhler, Erich. *Der literarische Zufall, das mögliche und die Notwendigkeit*. Munique: Wilhelm Fink, 1973.
- Krauss, Werner. *Die Welt im spanischen Sprichwort*. Leipzig: Reclam, 1971.
- Kristeva, Julia. *Etrangers à nous-mêmes*. Paris: Gallimard, 1997.
- Lejeune, Philippe. *Je est un autre. L'autobiographie de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980.
- Lotman, Jurij M. *Die Struktur literarischer Texte*. Trad. alemã de Rolf-Dietrich Keil. Munique: Fink; UTB, 1981.
- Mitscherlich, Alexander. *Toleranz – Überprüfung eines Begriffs. Ermittlungen*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1976.
- Mortimer, Armin Kotin. *The Gentlest Law. Roland Barthes' "The Pleasure of the Text"*. Nova York; Berna; Berlin: Peter Lang, 1989.
- Nagl-Docekal, Herta. *Feministische Philosophie. Ergebnisse, Probleme, Perspektiven*. Frankfurt/M.: Fischer, 2000.
- Pasolini, Pier Paolo. 8 domande sulla critica letteraria in Italia. In: _____. *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. A cura di Walter Siti e Silvia De Laude con un saggio di Cesare Segre. Cronologia a cura di Nico Naldini. Vol. 2. Milão: Arnoldo Mondadori, 1999.
- Plessner, Helmuth. *Gesammelte Schriften*. Vol. III. *Anthropologie der Sinne*. Org. por Günter Dux, Odo Marquard e Elisabeth Ströker. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1980.
- Soldevila Durante, Ignacio. *El compromiso de la imaginación. Vida y obra de Max Aub*. Segorbe: Fundación Max Aub, 1999.
- Sontag, Susan. *Illness as metaphor; and, AIDS and Its Metaphors*. Nova York; Londres; Sydney: Doubleday, 1990.
- Snow, C. P. *The Two Cultures*. With Introduction by Stephan Collini. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- Vogel, Thomas (org.). *Über das Hören. Einem Phänomen auf der Spur*. Tübingen: Attempto, 1996.
- Wertheimer, Jürgen; Zima, Peter V. (orgs.). *Strategien der Verdummung. Infantilisierung in der Fin-Gesellschaft*. Munique: C. H. Beck, 2001.
- Young-Bruehl, Elisabeth. *Hannah Arendt. Leben, Werk und Zeit*. Trad. alemã de Hans Günter Holl. Frankfurt/M.: Fischer, 2000.
- Zima, Peter. *Literarische Ästhetik. Methoden und Modelle der Literaturwissenschaft*. Tübingen: Fincke; UTB, 1991.

